# Estrategista da ciência

Especialista em energia nuclear, o químico e físico José Israel Vargas foi o ministro da Ciência e Tecnologia que passou mais tempo no cargo

**FABRÍCIO MARQUES**

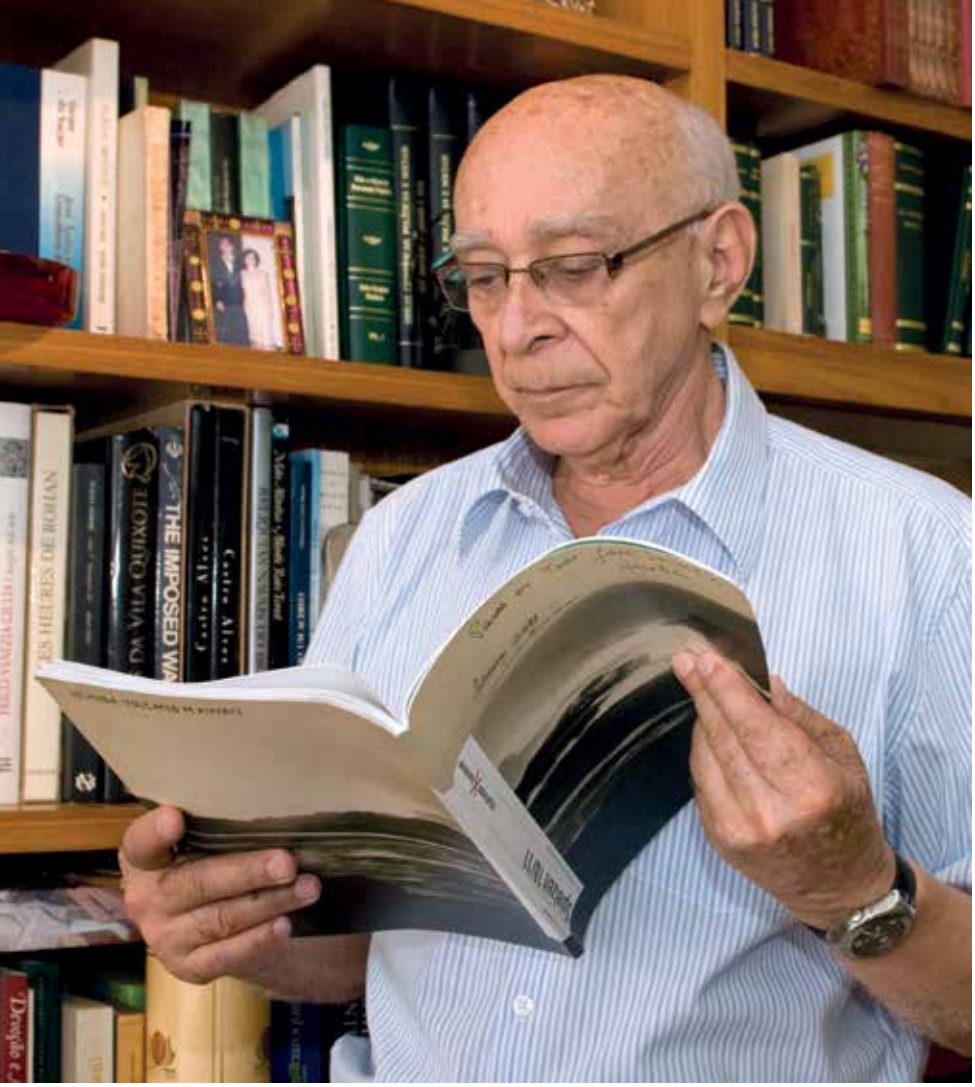
O químico e físico mineiro José Israel Vargas, que morreu aos 97 anos em Belo Horizonte no dia 15 de maio, costumava dizer em entrevistas que se considerava um "pé frio" por só ser convidado a assumir cargos públicos em momentos de crise. Foi assim quando trocou a carreira acadêmica pela executiva, em 1963, ao assumir uma diretoria da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) no governo João Goulart. Acabou demitido após o golpe militar de 1964 e, embora tenha conseguido retornar à docência na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), amargou uma redução de salário que o obrigou a morar provisoriamente na casa da mãe aos 36 anos de idade.

Também foi em um momento de confusão institucional que Vargas foi convocado em 1992 a recriar e a comandar o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT, hoje MCTI), a convite do mineiro Itamar Franco (1930-2011), alçado à Presidência da República após o processo de impeachment de Fernando Collor de Mello. Se as duas experiências ocorreram em momentos de crise, o balanço de sua passagem pelo ministério desautoriza a pecha de pé frio. A pasta, que completou 40 anos de existência, já teve 25 diferentes titulares – e 15 deles ficaram um ano ou menos no cargo (*ver* Pesquisa FAPESP *nº 350*). Vargas, o mais longevo de todos, foi responsável por um interregno de estabilidade e consolidação do ministério. Permaneceu no cargo até 1998, em todo o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, o sucessor de Itamar.

"Ele teve um papel importante na consolidação da ciência, tecnologia e inovação no período. Além de ser um cientista de alto nível, Vargas pensava estrategicamente a ciência brasileira", recorda-se o ecólogo José Galizia Tundisi, que presidiu entre 1995 e 1999 o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), principal agência de fomento à ciência do ministério. Segundo Tundisi, Vargas considerava o sistema de fomento à pesquisa excessivamente voltado ao atendimento de demandas individuais dos cientistas e pouco preocupado com o desenvolvimento de projetos estratégicos para o país – por isso, determinou que 60% do orçamento do CNPq fosse reservado para grandes projetos. Uma das iniciativas que coordenou a partir de 1995 foi o Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex), formado por redes de pesquisadores de alto nível. Também em sua gestão houve a criação da Agência Espacial Brasileira (AEB), e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) construiu e lançou os dois primeiros satélites CBERS, de sensoriamento terrestre, em parceria com a China. "Não fui lá para inventar a roda e parti do princípio de que meus antecessores não eram imbecis nem malévolos, mas pessoas que deram um balanço na oportunidade de realizar ou não certos projetos e iniciar outros tantos. Então ocupei meu tempo terminando obras que tinham sido lançadas", lembrou Vargas, em entrevista concedida a *Pesquisa FAPESP* em 2011.

Em seu período, houve o impulso final à construção do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, em Campinas, a que foram destinados recursos oriundos de privatizações. O embrião do que se tornariam mais tarde os Fundos Setoriais de Ciência e Tecnologia, até hoje o principal mecanismo de financiamento da pasta, também surgiu em sua gestão, com a criação de um fundo de *royalties* provenientes da renda das concessões petrolíferas destinado à ciência e tecnologia.

"José Israel Vargas também teve uma atuação importante na diplomacia da ciência, que é o uso da ciência e da tecnologia como ferramentas da política externa", afirma o ex-chanceler Celso Lafer, que foi seu colega de ministério no governo Fernando Henrique, referindo-se a seu trabalho como presidente da Academia Mundial de Ciências (TWAS), entre 1996 e 2000; no debate e nas negociações em torno do Protocolo de Kyoto, para redução de emissões de gases estufa, assinado em 1997; e como embaixador do Brasil na Unesco, em Paris, entre 2000 e 2003, quando participou de iniciativas como a Comissão para a Restauração da Biblioteca de Alexandria. "Ele foi um grande quadro do país", completa Lafer.



O ex-ministro em seu apartamento em Belo Horizonte, em 2011

FOTO GLÁUCIA RODRIGUES

O ex-ministro nasceu em Paracatu, no noroeste de Minas Gerais, onde sua família se dedicava ao comércio – o avô fora caixeiro-viajante. Passou a adolescência em Belo Horizonte e em 1946 ingressou no curso de química da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (Fafi-MG), precursora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Transferiu-se para a Universidade de São Paulo (USP) por dois anos para estudar física, mas retornou à capital mineira e concluiu a licenciatura em química em 1952.

Foi lecionar em uma escola de ensino médio e, ainda em 1952, foi recrutado para um curso de aperfeiçoamento de professores de física oferecido pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos (SP). Em 1956, fez um curso de especialização em radioquímica e química nuclear na Universidade de Concepción, no Chile, que tinha a participação de professores da Universidade de Cambridge, no Reino Unido. Lá conheceu o químico inglês Alfred Gavin Maddock (1917-2009), que havia trabalhado para o projeto Manhattan, responsável pelo desenvolvimento da bomba atômica nos Estados Unidos. Maddock convidou Vargas para fazer doutorado em Cambridge e se tornou seu orientador.

## Vargas foi embaixador do Brasil na Unesco e presidiu a Academia Mundial de Ciências

Em 1960, de volta ao Brasil, chefiou a Divisão de Física Nuclear do Instituto de Pesquisas Radioativas da Escola de Engenharia da UFMG e em 1963 se tornou um dos quatro diretores da CNEN. Na época, foi representante brasileiro em comissões da Agência Internacional de Energia Atômica (Aiea), em Viena, na Áustria. Todo o grupo foi afastado da CNEN após o golpe de 1964. Como a UFMG rejeitou seu pedido para voltar a ser professor em tempo integral, impondo-lhe uma perda salarial importante, acabou aceitando um convite de um colega da Aiea para trabalhar no Centro de Estudos Nucleares de Grenoble, na França. Ficou lá por seis anos e meio e orientou estudantes de doutorado em temas ligados a técnicas nucleares aplicadas a problemas da química.

Em 1971, o então presidente da Financiadora de Estudos e Projetos José Pelúcio Ferreira (1928-2002) o contratou como consultor do órgão e em 1974 ele foi trabalhar com o governador de Minas Gerais, Aureliano Chaves (1929-2003), como presidente da Fundação João Pinheiro. Também foi o responsável pela criação da Secretaria de Ciência e Tecnologia do estado, que dirigiu. Na presidência do general João Figueiredo (1918-1999), tornou-se secretário de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e Comércio. Em 1981, assumiu a vice-presidência da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e, entre 1991 e 1993, foi presidente da entidade.

Aposentado da UFMG, manteve o vínculo com a universidade. O químico Luiz Cláudio Almeida Barbosa, professor da UFMG, amigo pessoal de Vargas e coautor de um artigo recente sobre sua trajetória na revista *Química Nova*, contou ao site da UFMG que o ex-ministro até pouco tempo atrás aconselhava alunos de iniciação científica, apesar dos problemas de visão – chegou a contratar uma pessoa que lesse para ele. "Era incansável", disse. ●